

O CLÁSSICO MODERNO DE ANTONIO CICERO

(Resenha de *A cidade e os livros*, de Antonio Cicero, Ed. Record, 2002,

Publicada no Jornal do Brasil, Caderno Idéias & Livros, em 14 de Setembro de 2002)

Imagino como deve ter sido difícil para Antonio Cicero escrever seu mais novo trabalho poético, *A cidade e os livros*. *Guardar*, o anterior, recebeu elogios, honras, prêmios... merecidos; nele, havia poemas de primeira grandeza, como, por exemplo, o que o intitula, definitivamente incorporado aos melhores de nosso tempo e digno de representar nossa língua em qualquer olimpíada literária, se existissem tais festividades agonísticas. Assim, não são os seis anos de intervalo entre um livro e outro que me fazem vislumbrar a suposta dificuldade do poeta em escrever o que ora se publica – para a poesia, a cronologia não faz a menor diferença: refiro-me à responsabilidade com a qual um criador tem de se comprometer para intensificar suas melhores apostas, mantendo-se cada vez mais à altura delas e elevando-as a patamares ainda não atingidos. Pois foi essa a conquista maior de Antonio Cicero: a de se tornar o supra-sumo de si mesmo, por meio da consolidação de uma poética que desconhece o mínimo resvalo.

Penso que um artista só se mantém grande enquanto se surpreende com a obra que o atravessa – tornar-se si mesmo é descobrir-se, inventar-se. O próprio Antonio Cicero deve ter se admirado com o nascimento do coeso e harmônico conjunto de poemas que vai se desdobrando com a alta voltagem de pensamento que lhe é peculiar. Nele, até mesmo o rigor da métrica está submetido à sintaxe de um pensamento contundente, nunca se permitindo ser o adorno de um artesão que buscasse convencer o leitor de sua perícia técnica. Aqui, a técnica está a serviço da completude da criação, não o inverso: entre o grito e os grilhões, a justa medida de um pensamento que se alia ao dizer do coração. Seduzido constantemente pelos excessos de Tâmiris, Ícaro e Prometeu, Cicero conhece as punições por eles recebidas, não ultrapassando nem ficando aquém do extremo limite que lhe é destinado. Há, nesses poemas, a serenidade de um saber lírico, ou mesmo trágico, em constante estado de perplexidade: basta alguém abrir o livro para um dos escritos manifestar o que estou dizendo, quem sabe *Huis clos* ou o maravilhoso e horaciano *Buquê: Desprezar a morte, amar o doce,/ o justo, o belo e o saber: esse é/ o buquê. Ontem nasceu o mundo./ Amanhã talvez pereça. Hoje/ viva o esquecimento e morra o luto.*

Já se tornou lendária a freqüente recusa do autor em associar poesia e filosofia (suas áreas de atuação), sob o pretexto hegeliano de a primeira se interessar pelo particular enquanto a outra se aventuraria pelo absoluto. Eis que, no primeiro poema de *A cidade e os livros*, *Prólogo*, pela primeira vez se dá a reviravolta explícita, pois, implicitamente, ela já se fazia desde o primeiro poema do livro anterior. No *Prólogo*, atual, a poesia começa seu movimento justamente por aquilo que, outrora, se queria como o cerne apenas do filosófico: *Por onde começar? Pelo começo/ absoluto, pelo rio Oceano,/ já que ele é, segundo o poeta cego/ em cujo canto a terra e o céu escampo/ e o que é e será e não é*

mais/ e longe e perto se abrem para mim,/ pai das coisas divinas e mortais,/ seu líquido princípio, fluxo e fim. Tal assimilação poética do *absoluto* não significa a submissão de uma das regiões do pensamento à outra, mas implica a atualização filosófica da arcaica ambiência mítica da poesia, como se essa viesse exigindo de poetas atuais a recuperação de um vigor esquecido, para que conseguisse ampliar suas manobras de reflexão no mundo contemporâneo. Se a poesia de Antonio Cicero pode ser filosófica, não é, evidentemente, à maneira dos poetas metafísicos ingleses, por exemplo, mas à maneira grega de um Parmênides e um Empédocles, à maneira latina de um Lucrecio...

Nesse ponto, entretanto, é preciso cuidado. Ao contrário de tentativas que acreditam visitar o mundo clássico pela erudição, privilegiando, nostálgicamente, a um presente supostamente ignóbil e constantemente ultrajado, a grandeza de um passado em que buscam se consolar, Cicero, em outro pólo, se arma da antiguidade com o único objetivo de conquistar uma afirmação incondicional do momento presente. Não há Grécia sem o elogio do aqui e do agora, quaisquer que sejam. Não há Grécia sem o assumir voluntário de nosso próprio destino e vicissitudes. Não há Grécia sem querer exatamente o que se passa na esquina próxima aqui da rua e neste quarto onde escrevo e nessa sala na qual você, leitor, lê o jornal de sábado. Não há Grécia sem que se consiga transformar a vitrine em poesia, como um dos poemas do livro faz belissimamente. Por isso, Antonio Cicero fala o tempo todo do momento atual, como em *Alguns versos* que, depois de mencionar o cotidiano na tela de seu computador, na acácia à sua janela, no companheiro que está para chegar, conclui: (...) *E de repente, de fora/ do presente, pareço apenas lembrar/ disso tudo como de algo que não há de/ retornar jamais e em lágrimas exulto/ de sentir falta justamente da tarde/ que me banha e escorre rumo ao mar sem margens/ de cujo fundo veio para ser mundo/ e se acendeu feito um fósforo, e é tarde.*

Contra o *memento mori* dos eruditos de certidão cartorial, o *memento vivere* de poetas que instauram uma completa adesão - tão necessária ao nosso tempo - a uma vida gratuita que sabe que *Deus não existe nem faz falta*, e que, justamente por isso, canta a beleza e a dor, a amizade e o amor, a cidade e os livros, a *Alice* e o museu de Niemeyer, o prisioneiro e o carcereiro, as criaturas, enfim, na luta da imanência. Nietzsche estabeleceu o único critério que me parece válido - um critério superior a todos os demais que conheço - para distinguir a arte: *foi o ódio à vida ou o excesso de vida que aí se fez criativo?* Não são muitos os livros que podem atravessar, felizes, essa pergunta. Leiam *A cidade e os livros*.